

# A capital do cochicho

Para desespero dos jornalistas, notícia em Brasília é um coquetel de interpretação, fofoca e até informação

**André Gustavo Stumpf**  
De Brasília

**P**ARA as pessoas que se dedicam com a proximidade física do poder, uma temporada em Brasília será sempre estimulante. A cidade, com seus 27 anos de vida, ganhou um estilo próprio dentro dos rígidos limites geográficos daquilo que é a Capital Federal: a esplanada dos ministérios, as residências de ministros e parlamentares ilustres e os principais restaurantes. Fora daí, Brasília é uma cidade rigorosamente igual a qualquer outra no Brasil, pois convive com os mesmos problemas e angústias. Neste ano vai até faltar água, situação jamais experimentada desde que JK inaugurou a capital em 21 de abril de 1960.

A política tem suas manhas e percorre caminhos sinuosos para reduzir a distância entre dois pontos. Por essa razão, Brasília é hoje, de longe, a capital nacional do cochicho e da negociação, fato que desespera jornalistas e enlouquece os muitos lobbies espalhados pela cidade. Um exemplo público e recente: na magnífica recepção oferecida pelo governo brasileiro ao presidente de Portugal, Mario Soares, o presidente José Sarney parou duas vezes na mesa do senador Severo Gomes. Na primeira, fez os altos dignitários brasileiros e portugueses esperarem em pé enquanto trocava cochichos, entre abraços e tapinhas, com o representante de São Paulo. Mais tarde, retornou à mesa e continuou a conversar ao pé do ouvido.

No balé da política, a cena do presidente da República teve por objetivo demonstrar publicamente que dele não partiu nenhum veto a designação de Severo Gomes para o cargo de relator da poderosa Comissão da Ordem Econômica na Assembléia Nacional Constituinte. O presidente, aliás, que é polí-

tico, costuma brincar com a memória e cumprimenta as pessoas chamando-as pelo nome. Com os jornalistas, vez por outra, esticava uma conversa, pois convive com repórteres desde 1962, quando era deputado federal.

Essa intimidade com a imprensa concede vantagens ao presidente que, de vez em quando, liga para uma redação de jornal para dar informações. O que constitui uma vantagem para o chefe do governo, passa a ser uma fonte e constrangimentos para quem não está acostumado a conviver com as intrigas da capital federal. Não é por acaso que um bom pedaço da bancada de São Paulo passa parte de seu tempo trocando acusações recíprocas. Eles costumam se acusar de caipiras, porque alguns dos paulistas recém-chegados continuam a manter o seu sotaque, praticando um português muito particular (freio, por exemplo, em São Paulo é breque; assim, o país tem que breçar a sua mania de crescer) e vivendo como se estivessem em sua capital.

Essas manias não têm boa repercussão na cidade, acostumada a conviver na noite com ministros e auxiliares importantes. E a falar um dialeto próprio. Ultimamente, está em moda o termo sinalizar, a mais recente invenção dos economistas que se perdem no seu ofício e também no vernáculo. As novas medidas vão ser anunciadas nesta semana para sinalizar o comportamento econômico do país. De qualquer forma, houve um avanço vernacular, porque, sendo os economistas do PMDB em sua maioria paulistas, em vez de sinalização, poderia ter sido mantido o original paulistês, ou seja, estaríamos no império da semaforização da economia. Houve, neste caso, uma vitória do bom senso.

Os últimos meses no espaço da capital federal têm sido regados a bons

uísques e muitos jantares. Esta é a matéria-prima da política nacional, uma espécie de proálcool do entendimento brasileiro. Sem reuniões — e o país vive uma fase aguda de assembleísmo — não há política, nem acordo. Por isso, todos os grupos se reúnem onde for possível, casa, restaurante ou residência de algum jornalista. Esta última opção é muito utilizada, pois em casa de jornalista imprensa não entra.

As últimas semanas dão um rápido indicativo do que é a vida nesta capital: um assessor do presidente — falou em off e, portanto, seu nome não pode ser citado — fez pesadas críticas ao ministro Dilson Funaro e seus auxiliares. Do outro lado, os adeptos do ministro da Fazenda começaram a dizer que o ministro Marco Maciel não despacha há duas semanas com o presidente e que as críticas à política econômica partem de funcionários qualificados do Departamento de Estado norte-americano. Enquanto isso, senadores e deputados falam de planos econômicos, propõem novas fórmulas e moratória, auditoria da dívida e se deixam levar por um interminável mexer de maxilares.

A essa confusão de informações, interpretações e fofocas dá-se a designação genérica de notícia. As notícias fazem os jornais, delicia leitores e provocam enormes estragos nas máquinas do governo. Mas a capital federal vive da sua própria capacidade de gerar histórias e promover confusões. O exercício do poder é também a ostentação da capacidade de interferir na vida das pessoas. Por isso, independentemente da recessão, que já chegou, os restaurantes incluídos na geografia da capital continuam cheios de personagens e discussões. Uma vez ou outra, algum funcionário é demitido na mesa de um bar, ou um copo de uísque voa na direção de um governador. Mas estes são incidentes menores. A vida na capital federal é assim.

